



O EMPODERAMENTO DA MULHER COMO ATRIZ SOCIAL

Júlia Pereira Santos¹, Julia Vitória Izidoro²

¹ UNIFAL-MG; juliapereira.santos@sou.unifal-mg.edu.br

² UNIFAL -MG; julia.izidoro@sou.unifal-mg.edu.br

Resumo: O artigo foi elaborado a partir de textos lidos e discutidos na disciplina optativa Agricultura familiar e relações de gênero, no curso de Geografia da Unifal- MG. Com o estudo do tema podemos falar que a relação de gênero envolvendo a mulher na agricultura familiar não é somente mais um trabalho onde se via o papel do homem. A mulher tomou autonomia de suas próprias atividades, e não é mais vista como somente dona do lar e a mãe de família. Buscamos trazer para debate o que é ser mulher, e o que a mulher busca trazer de inovação para a sociedade perante à agricultura. E o principal é que devemos desconstruir que agricultura é somente masculina, e sim, a mulher pode agregar muito, e podem conciliar conhecimentos, sabedoria e liderança. E a agricultura tem ficado cada vez mais moderna, aonde é sinônimo de revolução no seu ambiente de trabalho.

Palavras-Chave: Geografia feminista, geografia de gênero, agricultura familiar.

Eixo: Socioespacial

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema geral a relação da mulher com o meio social agrícola, no papel de atriz social, produtora e reprodutora e também sua relação com a natureza e o espaço. Também discute sobre a agricultura familiar e o papel feminino e conceitos que relacionam a produção agrária feminina com conceitos ecológicos como a Revolução Verde. Temos como objetivo discutir a presença e a capacidade da mulher na sociedade, sua valorização, a desigualdade entre os gêneros, as dificuldades que a mulher enfrenta nos meios rural e urbano, e visualizar a importância de uma geografia feminista e a análise do papel feminino na agricultura e até no campesinato. Podemos ver como resultado o impacto da ação feminina nos âmbitos rural e urbano, e a sua relação com a natureza, com a produção de produtos mais “verdes” e saudáveis, com a participação na agroecologia, agricultura orgânica e a criação de um “Ecofeminismo” (figura 4), que conecta a luta pela igualdade com a defesa da preservação ambiental, além das múltiplas jornadas de trabalho. A mulher como base da sociedade é hoje uma realidade inquestionável.

De acordo com geógrafos e geógrafas, há a necessidade de incorporar na Geografia Humana a componente gênero. No início, os estudos se caracterizaram pela busca de uma identidade própria. Na realidade, estes trabalhos buscavam 'fazer visível' a mulher, seus papéis, seus trabalhos, suas experiências, ou seja, documentá-la em toda sua diversidade. A Geografia de Gênero se apresenta mais





enraizada no feminismo, isto é, na perspectiva de gênero. O estudo de Gênero no contexto geográfico tem possibilitado o enquadramento da mulher dentro da temática espacial através do seu papel ativo, de atriz social, nas atividades produtivas e reprodutivas, produzindo e reproduzindo o espaço.

No Brasil, o número de mulheres operando imóveis rurais é próximo a 1 milhão. A distribuição racial feminina, bem como sua cor, no ambiente rural, é diverso (figura 3). Pode-se observar o panorama da participação feminina no ambiente rural (figura 1), bem como seu perfil social (figura 2). De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, o IBGE identificou 947 mil mulheres responsáveis pela administração de propriedades rurais em uma população de 5,07 milhões. A maioria está localizada no Nordeste (57%), seguida do Sudeste (14%), do Norte (12%), do Sul (11%) e do Centro-Oeste, onde apenas 6% são lideranças femininas. Os dados foram obtidos pelo esforço conjunto do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Embrapa e IBGE no âmbito das cláusulas compromissórias firmadas pelos três órgãos por meio do Programa Agro Mais Mulher. De acordo com a pesquisa, eles administram um total de cerca de 30 milhões de hectares de terras, representando apenas 8,5% do total de instituições rurais do país.

Com o problema da fome mundial, acreditava-se que a agricultura e o aumento da produtividade seriam as soluções para esta, mas seria mais eficaz dar condições para o autossustento interno. O problema da fome no mundo era relacionado à falta de alimentos suficientes para a população. Assim, surgiram conceitos como segurança alimentar e soberania alimentar. Foi criada a Revolução Verde, que trouxe inovações como novas sementes. Era tradição dos camponeses praticar a policultura para garantir sua produção em situações climáticas adversas. No entanto, a ideia da necessidade da cultura de transgênicos para a alimentação no mundo é muito propagada.

A valorização feminina na agricultura vem crescendo, como podemos visualizar ao estudarmos a atuação das mulheres em cooperativas de café orgânico, baseada na Revolução Verde, como a COOXUPÉ, que se refere a elas como ‘membros da família’. Há um certo aumento no número de mulheres em cargos mais importantes, como administração da cooperativa, em áreas financeiras, contábeis e econômicas, com certa tendência ao crescimento no futuro, em que as mulheres ganharão lugares, cargos e participação na cafeicultura. Ao trabalho feminino, há o pagamento de um preço justo pelo trabalho dos produtores, sem desigualdades entre gêneros e sem discriminação, com a liberdade de associação. Com a agricultura orgânica e o ‘Ecofeminismo’ (vertente do movimento feminista que conecta a luta pela igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres com a defesa do meio ambiente e sua preservação – figura 4), a participação feminina é maior na produção, introduzindo sementes de suas próprias hortas domésticas e testando novas formas e preparos de cultivo. Nessa perspectiva, a proximidade da mulher da natureza é muito mais íntima que a do homem.





Essa agricultura substitui os agrotóxicos por técnicas mais “verdes”, visando uma alimentação mais saudável e maior preocupação com o meio ambiente, com a inserção de agricultores familiares na cafeicultura. Esse tipo de cafeicultura busca o equilíbrio ambiental e a harmonia social e natural.

Mulheres são quase metade da população rural (47,5%)

De **2006** a **2017**, a presença feminina no agronegócio aumentou de **12%** para

18%



Fonte: IBGE (2017)

Figura 1: presença feminina no âmbito rural (IBGE 2017)

PERFIL MULHERES RURAIS NO BRASIL



Figura 2: Perfil das mulheres rurais brasileiras (PNAD 2015)

COR E RAÇA DAS MULHERES RURAIS

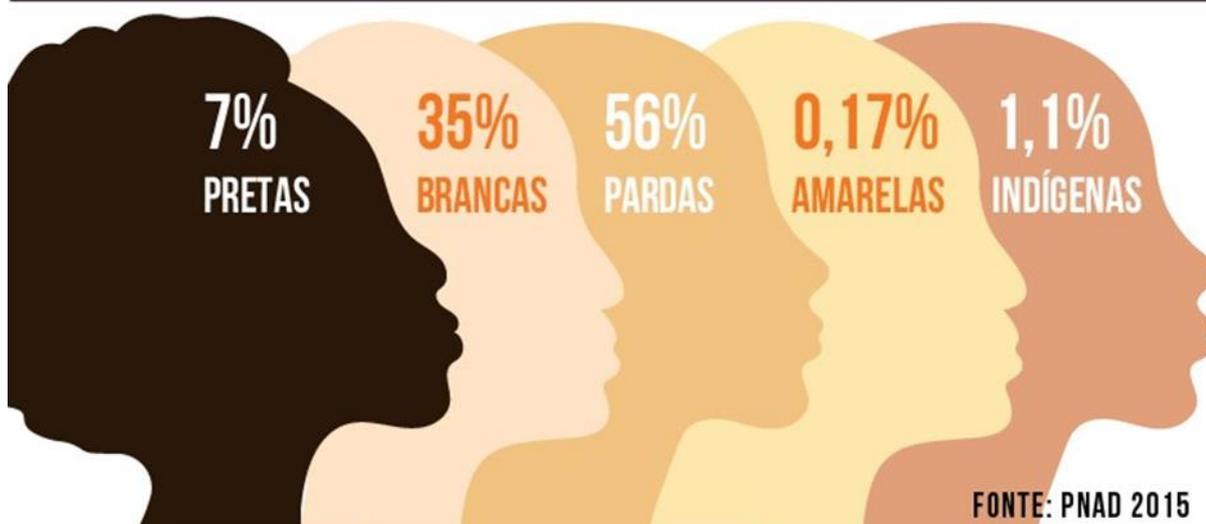


Figura 3: Cor e raça das mulheres rurais (PNAD 2015)



Figura 4: ‘Ecofeminismo’ (QG FEMINISTA)

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A partir dos textos selecionados na disciplina Agricultura familiar e relações de gênero, nos quais foram discutidas obras dos seguintes autores:

Maria de Nazareth Baudel Wanderley, Joseli Maria Silva, Isabel Margarida André, Maria Luíza Oliveira de Francisco, Anita Brumer e Gabriele dos Anjos, Maria Ignez S. Paulilo e Valdete Boni e Ana Rute et al. E outros que foram citadas por elas.

Alguns conceitos importantes serão definidos no artigo, como a utilização da agricultura familiar no gênero feminino, e a reação da sociedade sobre a mulher à frente da agricultura em busca de uma qualidade de vida sustentável.

A discussão proposta com os conceitos a serem abordados não significará um esgotamento do tema que é de suma importância para a sociedade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A participação da mulher como atriz social é fundamental para a sociedade, além de seu papel como produtora social de bens e reprodutora, que é indissociável, no entanto, devido ao capitalismo, há a subordinação da reprodução à produção. A relação da mulher com a natureza também merece ser destacada, como o cuidado com a alimentação e a preservação do meio ambiente. Também devemos lembrar que o capitalismo ocasiona diferentes oportunidades para as mulheres, como a diferença das



classes sociais, onde mulheres ricas possuem condições diferentes das de classe operária. O tempo da mulher é reduzido, por causa do “sobretabalho”, que exige esforço e dedicação. A mulher deve ser reconhecida, bem como seu trabalho, não a submetendo à “invisibilidade”, já que muitas vezes o trabalho doméstico na economia oficial é ignorado ou marginalizado. Deve-se ter uma análise do espaço na perspectiva feminina como forma de combater o androcentrismo na Geografia. Também é necessário reconhecer os movimentos sociais, principalmente as das mulheres rurais, que buscam seus direitos e sofrem com a discriminação, e questionam modelos econômicos concentradores de riqueza e a falta de democracia e participação popular. Podemos até ver que na Igreja também há uma figura masculina “superior”, sendo que o poder da Igreja é sustentado pelas mulheres. Desta forma, qualquer mulher não pode ser vista apenas como um gênero, mas também a sexualidade, raça, religião e classe social.

4. CONCLUSÕES E/OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta o que foi observado, é se levado a acreditar que o estudo sobre a agricultura familiar é importante, ainda mais quando envolve o gênero feminino, onde vemos que o papel da mulher não é somente no doméstico. Podemos levar em consideração também que seria importante um estudo envolvendo o desenvolvimento do homem juntamente ao da mulher, pois na agricultura familiar, de acordo com os estudos, dá a perceber que somente a mulher se importa com as mudanças necessárias para uma qualidade de vida melhor. O estudo traz consigo uma perspectiva de que a agricultura familiar tende a ser renovada para uma melhoria a cada ano que se passa, e podemos ver que as mulheres buscam entender do assunto e o defende. Muitas levam o sustento de suas famílias através da agricultura familiar. Ela ainda é um setor que vem ganhando espaço, e conforme for passando de gerações para gerações, teremos no futuro uma agricultura familiar excelente.

5. AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente à docente Ana Rute do Vale, que nos ofertou a disciplina “Agricultura Familiar e Relações de Gênero”, por qual adquirimos conhecimento para o desenvolvimento deste artigo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Isabel Margarida. **O gênero em Geografia: introdução de um novo tema.** Finisterra, Lisboa, XXV, n. 50, p. 331-348, 1990. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2021.

(BEEFPOINT. **Mulheres rurais se destacam em diferentes atividades e buscam acesso a direitos.** 17 de abr de 2019. Disponível em: < <https://www.beefpoint.com.br/mulheres-rurais->





se-destacam-em-diferentes-atividades-e-buscam-acesso-a-direitos/>)

BRUMER, A.; ANJOS, G. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar**. Revista NERA, ano 11, nº 12, jan.- jun./2008, p.6-17. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1396>. Acesso em: 15 set. 2021.

(CRUZ, Sousa. **Dia Mundial das Mulheres Rurais**. 15 de out de 2019. Disponível em: <<https://www.produtorsouzacruz.com.br/noticias/dia-mundial-das-mulheres-rurais>>)

EMBRAPA. **Mapa, Embrapa e IBGE apresentam os dados sobre mulheres rurais**. 16/03/20. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/50779965/mapa-embrapa-e-ibge-apresentam-os-dados-sobre-mulheres-rurais> Acesso em: 10 out. 2021)

FRANCISCO, O. L. M. de. **Geografia de Gênero e Trabalho Familiar: Algumas considerações**. Revista Latino Americano de Geografia, v.2, n.1, p.27-36, jan-jun/ 2011. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2021.

(MARQUES, H.M. **Breve histórico do ecofeminismo**. [s.d]. Disponível em: <<https://qgfeminista.org/breve-historico-do-ecofeminismo/>>)

PAULILO, M. I.; BONI, V. **Movimentos de mulheres agricultoras e ecologia**. In: DELGADO, Guilherme Costa. BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira (orgs.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília : Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017. p. 398-417. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2021.

SILVA, J. M. **Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica**. Revista de História Regional, n. 8(1), p. 31-45, 2003. Disponível em: https://www.faecpr.edu.br/site/documentos/revista_historia_regional7.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

VALE, Ana Rute et al. **A questão de gênero na agricultura familiar no Sul de Minas: buscando comparações entre os sistemas de produção de café convencional e orgânico**. In: ALVES, F. D.; AZEVEDO, S. C.; COCA, E. L. F.; VALE A. R. (Org.). **A Dimensão política no espaço: conflitos e desigualdades territoriais na sociedade contemporânea**. Alfenas MG: Universidade Federal de Alfenas, 2019. Disponível em: <http://www.unifal.g.edu.br/bibliotecas/ebooks>. Acesso em: 15 set. 2021.

WANDERLEY, M. N. B. **O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro**. In: PETERSEN, P. (org). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/373/ASPTA_agricultura_familiar_camponesa_constru%C3%A7%C3%A3o_futuro.pdf?sequence=1. Acesso em: 15 set. 2021.

